

DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA REDE PÚBLICA APÓS O FINAL DO ENSINO REMOTO

JOÃO CARLOS ROEDEL HIRDES¹; RAFAEL MENDES²; ALISSON CASTRO BATISTA³; FERNANDA ARNDT MESENBURG⁴; MAURO AUGUSTO BURKERT DEL PINO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – joaocrh@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelmendes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fisicalissonbatista@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – fernandamesenburg@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – mauro.pino1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem o objetivo de analisar os desafios enfrentados pelas professoras da rede pública municipal no retorno às atividades presenciais a partir do arrefecimento da pandemia da COVID-19. A pesquisa está sendo realizada pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação Pública da Universidade Federal de Pelotas – GIPEP/UFPEL, e faz parte da Pesquisa Nacional “Alfabetização em Rede” - AlfaRede. A pesquisa nacional está em sua segunda etapa de desenvolvimento, que tem como objetivo compreender como se deu a volta ao ensino presencial em turmas de crianças em processo de alfabetização matriculadas do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental.

Para podermos analisar o retorno às atividades presenciais, após um duro período de pandemia onde tivemos mais de 700 mil vidas perdidas, temos que compreender o contexto político brasileiro que se abre à ideia do estado mínimo e ao mesmo tempo que nega a ciência, auxiliando na disseminação do vírus e, ainda, impulsionando a mercantilização da educação.

A escola pré-pandemia já se via sob ataque das políticas neoliberais através do que Freitas (2018) chama de reforma empresarial da educação. Essa perspectiva política da educação pauta a sociedade com discussões sobre privatizações, vouchers, padronizações de sistemas, currículos, avaliações e expõe educadores a valores meritocráticos. Esse movimento coloca a sociedade contra o sistema educacional público. Neste sentido, Hypolito (2011, p. 1) afirma que:

A lógica neoliberal e gerencialista interpela os sujeitos, as escolas, os professores e as professoras, no sentido de uma subjetivação que conduz a comportamentos de aceitação e que são muito produtivos para um desempenho das políticas educativas, no sentido de atender ao modelo mercadológico e gerencial das políticas, tanto nos aspectos da gestão, do currículo e das práticas escolares.

Para além desses autores, outras pesquisas avaliam que as desigualdades educacionais brasileiras pré-existent foram potencializadas na pandemia, como produto das sucessivas reformas empresariais que afetam a escola pública. Soma-se a isso, a ausência de uma política coordenada para dar resposta aos efeitos da pandemia no necessário processo de democratização da educação básica. (OLIVEIRA, 2020; SAVIANI, 2021).

Neste sentido, a pandemia e o ensino remoto possibilitaram a aceleração da entrada das plataformas digitais no fazer pedagógico. Por exemplo, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul contratou a plataforma Google Sala de Aula, sem consultar as professoras, para mediar as aulas remotas. Porém, não houve nenhuma política de acesso às tecnologias para professores e estudantes. Quando

o estado se ausenta, a iniciativa privada encontra lugar para agir.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é um recorte da segunda etapa da pesquisa nacional AlfaRede e possui a mesma caracterização metodológica, aplicação de questionário (Survey) e rodas de conversas na perspectiva de grupos focais (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI, 2011).

No âmbito nacional, a pesquisa obteve 6.067 respostas de professoras que atuam do 1º ao 5º ano da rede pública de ensino ao questionário aplicado na primeira fase, no período de julho de 2022 a março de 2023. Em relação à segunda fase, os grupos de pesquisas participantes realizaram rodas de conversa com as professoras respondentes do survey que se disponibilizaram para participar. No que tange à atuação do GIPEP, filtramos 71 respostas de professoras da rede municipal investigada e realizamos cinco rodas de conversas com 14 professoras.

Para a sistematização e discussão dos dados apresentados neste texto, utilizamos a Análise de Conteúdo para a categorização dos dados produzidos nas rodas de conversas, pois conforme Bardin (1977, p. 105) “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

Neste texto pretendemos trabalhar a categoria dos desafios do retorno ao ensino presencial. Portanto, pretendemos dialogar os dados nacionais com os dados obtidos na cidade investigada. Essa discussão será apresentada na próxima seção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção iremos buscar contrastar os dados da pesquisa nacional com os verificados na cidade pesquisada. O quadro abaixo apresenta a comparação relativa à primeira questão:

Quadro 1 - Preparação pedagógica da escola para a volta ao presencial

Dados Nacionais		Dados da cidade investigada	
Alternativas	%	Alternativas	%
Bom	32,00%	Bom	25,35%
Muito bom	32,00%	Muito Bom	15,49%
Ótimo	21,00%	Ótimo	18,31%
Regular	10,00%	Regular	23,94%
Ruim	2,00%	Ruim	9,86%
Péssimo	1,00%	Péssimo	7,04%

Analisando os dados nacionais verifica-se que 85% das respondentes entendem que a preparação pedagógica da escola está adequada, tendo em vista que este índice resulta do agrupamento entre ótimo, muito bom e bom.

Em relação à rede municipal investigada, apesar de termos aproximadamente 60% de professoras que entendem como adequada a preparação pedagógica para o retorno presencial, na primeira roda de conversa a

professora Diana¹ relatou:

Tanto a parada quanto o retorno, me parece que foi aquela coisa meio no atropelo, a gente indo e vamos fazer como dá e vamos indo. [...] mas acho que esse retorno a gente esperava porque a gente fazia algumas reuniões online com a equipe diretiva, com os professores, a coordenação. Então a gente meio que se falava e sabia que as crianças estavam com bastante dificuldade, que muitas não tinham sido alfabetizadas diante do contexto todo, mas, sinceramente, achei que não seria tão difícil o retorno. (...) a gente não tem sala de recurso, a gente não tem professor de apoio, então é a gente com a gente mesmo.

A professora mostra que apesar de haver alguma preparação pedagógica para o retorno ao ensino presencial, os desafios foram maiores do que os que puderam ser previstos. Tudo indica que não houve uma diretriz da rede municipal. A defasagem da estrutura da escola também contribuiu para potencializar as dificuldades.

Ao ouvir as professoras, verifica-se um alto comprometimento com o exercício da docência. Isso faz com que as dificuldades sejam superadas. Vejamos o que os dados relativos à segunda questão nos dizem.

Quadro 2 - O que você considera mais importante na volta ao ensino presencial?

Dados Nacionais		Dados da cidade investigada	
Alternativas	%	Alternativas	%
1. cumprir o currículo previsto na BNCC para o ano escolar	4%	1. cumprir o currículo previsto na BNCC para o ano escolar	0,01%
2. tomar como referência o processo real das crianças no planejamento da alfabetização	41%	2. tomar como referência o processo real das crianças no planejamento da alfabetização	50,70%
3. acolher os alunos e professores no ambiente escolar	7%	3. acolher os alunos e professores no ambiente escolar	15,49%
4. todas as anteriores	48%	4. todas as anteriores	33,80%

Os dados do quadro 2 apontam que o planejamento está como fator principal para as professoras, não calcado em algo pronto, oferecido pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, mas analisando o processo real de desenvolvimento das crianças. O que é importante no processo de aprendizagem no contexto da alfabetização é a compreensão da criança real.

Nesse sentido, o professor Leandro, na roda de conversa que participou, acrescenta que:

Eu acho que a maior dificuldade foi conseguir adaptar tudo o que eu tinha na minha sala de aula. Esse turbilhão de coisas, falando em alfabetização no geral, matemática também. Então, eu tinha alunos muito diversos, muito diversos, eu tinha alunos que não conheciam as letras, eu tinha alunos que estavam avançados em leitura e interpretação, eu tinha alunos excelentes em matemática, mas que não sabiam ler.

¹ Os nomes dados às docentes são fictícios, no intuito de preservar suas identidades.

O desafio do planejamento a partir da criança real é contrastado com a diversidade de níveis de aprendizagem que uma professora encontra em sua sala de aula. Durante a pandemia, cada criança desenvolveu as atividades propostas em sua casa. Cada casa tem sua peculiaridade. Algumas tiveram os pais próximos, outras não tinham ajuda de adultos alfabetizados, ou seja, a diversidade de contextos de aprendizagens também foi um fator de aprofundamento das desigualdades.

4. CONCLUSÕES

Os dados quantitativos da pesquisa nacional demonstram uma satisfação de 85% das professoras participantes em relação à preparação pedagógica para o retorno presencial, o que também foi identificado no recorte do município analisado, com um percentual de 60%. Entretanto, a partir dos dados qualitativos, oriundos das rodas de conversa, compreendemos que há uma insatisfação das docentes com certo “atropelo” no processo de retorno.

O agravamento das desigualdades refletiu diretamente na retomada das atividades presenciais. Por mais que se tenha buscado estar preparado para a volta à sala de aula, os desafios foram maiores do que o esperado. Os dados revelam a resiliência e dedicação das professoras, mas também destacam a necessidade de políticas educacionais que valorizem a preparação e o planejamento das escolas e de suas mantenedoras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, D. S., COLOMÉ, J. S., ERDMANN, R. H., & LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo, 35(4), 438-42, 2011.

ALFABETIZAÇÃO em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 - Relatório Técnico (Parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 13, p. 185-201, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465>. Acesso em: 31 maio 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Reorganização gerencialista da escola e trabalho docente. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, SP, v. 21, n. 38, Período out/dez-2011. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/5265/4147>. Acesso em 31 de maio 2023.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia. **Revista USP**, Dossiê Ensino Público, São Paulo, n.127, p. 27-40, out./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/11832/1926>. Acesso em 24 jun. 2022.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. **Universidade e Sociedade**, ANDES-SN, Brasília, n. 67, p. 36-49, jan. 2021. Disponível em:

https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em 24 jun. 2022.